

O IMPÉRIO PORTUGUÊS: CENTRALIDADES E PERIFERIAS, O CASO DE SERGIPE D'EL REY



MARIA DE DEUS BEITES MANSO

“Tornar Sergipe conhecido do paiz e do estrangeiro foi a causa que me levou a escrever sua historia” (FREIRE, 1891, VII).

I

Aropriando-me das palavras de Felisbelo Freire, partilho da ideia de que ainda há muito a investigar sobre a História do Brasil, particularmente sobre as regiões mais afastadas dos grandes centros políticos e económicos, da costa e dos “sertões”, isto é, regiões pensadas como “periferias do império português”¹. O interior do continente americano, e também do africano, tem sido pouco abordado enquanto espaço integrado no Mundo Atlântico e, menos ainda, conectado ao âmbito do Império Português, particularmente no decorrer ainda do século XVI. Até há pouco tempo avaliava-se o assunto através do sistema do “comércio triangular”² ou a “história de ciclos económi-

1 RUSSEL-WOOD, A.J.R. “Centros e Periferias no Mundo Luso-Brasileiro, 1500-1808”, *Revista Brasileira de História* On-line version ISSN 1806-9347 Rev. bras. Hist. vol. 18 n. 36 São Paulo 1998 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000200010>, usa o conceito para falar sobre o contexto do Brasil colonial: metrópole/colónia e intercóloniae explica como gradualmente o Brasil caminhou para a autonomia e na pág. 33 fala do acesso a regiões menos acessíveis, fora dos povoamentos nucleares, nas duas últimas décadas do século XVI e o século XVII por diversos colonos portugueses.

2 Comércio feito entre Europa, África e América, excluindo praticamente as relações com a Ásia. Embora algumas rotas tenham tido uma dinâmica própria como é o caso do comércio entre Europa, América e África ou até as relações comerciais entre os mercados brasileiros e africanos, a dinâmica ultramarina colocava em contacto todos os que circulavam por um império que era formal, mas também um império infor-

cos”³ (e ainda hoje há quem defenda esta abordagem). Porém, se pensarmos o tema dentro da problemática da história conectada e/ou da circularidade temos de reconhecer um império ligado, onde não faz sentido falar de centros, de “sertões”⁴ e/ou de regiões periféricas. Pois todos os espaços se conectam, se ligam e sustentam mutuamente, são o fundamento do Império Português⁵. Isto é, o mundo estava ligado, estava conectado e todas as regiões tinham a sua importância — ou vão adquirindo — na construção do Império Português⁶.

mal. Como aqui falamos de Brasil colonial, para uma informação mais particular a respeito das relações entre o Brasil e Angolaver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 e SILVA, Alberto da Costa e. Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2011.

- 3 Análise fundamentada em épocas sucessivas, cada uma das quais estruturada em torno de um núcleo que é formado por um produto dominante. Hoje, sabemos que houve a coexistência de diversos produtos e alguns deles marcaram em simultâneo o comércio, por exemplo, o comércio do açúcar, escravos ou do ouro.
- 4 É difícil definir o conceito sertão, o seu significado é polissêmico. Aqui, tomo-o como um espaço mais periférico face ao Salvador, particularmente ao porto de Salvador. Sobre o conceito “Sertão”, entre outros estudos ler: MARQUES, Alexandre Bettincourt. *No “Coração das Terras”: Os Sertões da Capitania de Pernambuco e do Reino de Angola: Representações, Conexões e Trânsitos Culturais no Império Português (1750-1808)*, Universidade de Évora, 2019; BLUTEAU, Raphael. Vocabularioportuguez& latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 – 1728. v.7, p. 613, NEVES, Erivaldo Fagundes. “Sertão Recôndito, polissêmico e controvérsio”. In: KURY, Lorelai Brilhante (org.). *Sertões Adentro: Viagens nas Caatingas, séculos XVI a XIX* – Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, 2012. p. 14-57. NEVES, Erivaldo Fagundes de. Introdução. In: NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonie. (Orgs.). *Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. Editora Arcádia, 2007.
- 5 BOXER, Charles, *Império Colonial Português, 1415-1825*, Lisboa, Edições 70, 1977. GODINHO, Vitorino Magalhães. *Os Descobrimentos e a economia mundial*. 2. ed. 3 vol., Lisboa, Presença, 1981-1982. RUSSELL-WOOD, Anthony John R., Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América. 1415-1808. Tradução de Vanda Anastácio. Lisboa: Difel, 1998; RUSSELL-WOOD, Anthony John R., *Sulcando os mares: um historiador do império português enfrenta a “Atlantic History”*. História, São Paulo, v. 28, n. 1, 2009. No que diz respeito à importância que o porto de Salvador tinha na conexão do império, explorando a Carreira da India e igualmente para a rota do Atlântico, ler: Lais Viana de Souza, *Missionários do corpo e da alma Assistência, saberes e práticas de cura nas missões, colégios e hospitais da Companhia de Jesus (Goa e Bahia, 1542-1622)*, Doutoramento em História, Universidade de Évora, 2018.
- 6 GRUZINSK, Serge. “Os Mundos Misturados da Monarquia Católica e Outras Conneeted Histories.” *Topoi2*, 2 (2001): 175-96; GRUZINSK, Serge. *As Quatro Partes do Mundo: História de uma Mundialização*. Tradução por Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. São Paulo: EDUSP/EUFMG, 2014; RUSSELL-WOOD, Anthony John. *Um Mundo em Movimento: Os Portugueses na África, Ásia e América 1415-1808*. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: DIFEL, 1998. Memória e Sociedade; SUBRAHMANAYAM, Sanjay.

II

Até ao século XV, a Europa (o mundo) pouco ou nada sabia a respeito da configuração do Universo. As viagens que se realizam ao longo do século XV vão contribuir para o avanço científico, registar uma nova cartografia, derrubando velhos mitos e, simultaneamente, fortalecer a monarquia lusa (monarquias ibéricas), conduzindo a disputas pela posse dos espaços agora “descobertos” ou conquistados, tal como pelo domínio dos oceanos (as viagens de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral alteraram o sistema mercantil), isto é, o monopólio das rotas oceânicas, divididas entre Portugal e Espanha, através do Tratado de Tordesilhas (1494). Por exemplo, o rei D. Manuel I centrou a sua ação no Índico e nas especiarias. Mas, era também um império de cruzada, de exigência da conversão dos povos descobertos ou conquistados para o Cristianismo. THOMAZ, 2009, 15-37).

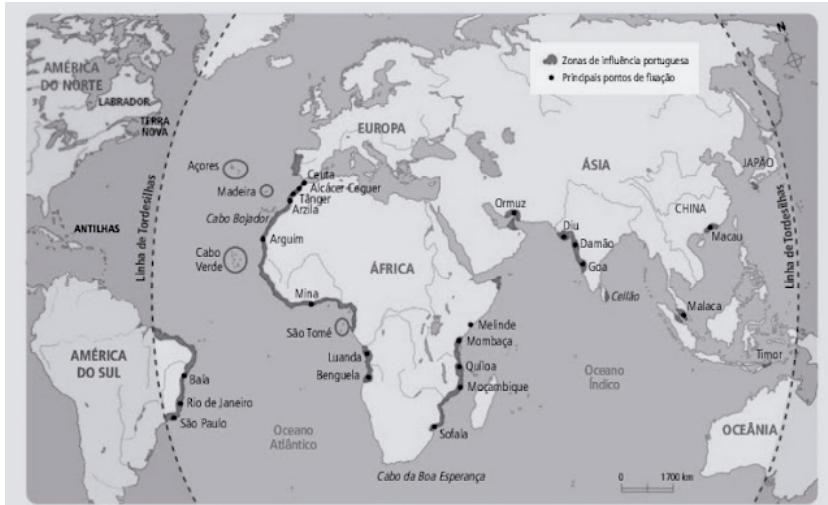
O Império português, iniciado em 1415 com a conquista de Ceuta e que se prolongou até 2002, com a independência de Timor-Leste, estruturou-se de diferentes formas⁷. As sociedades/culturas em contacto eram diferentes e, por isso, exigia-se grande capacidade de adaptação aos espaços. Tratava-se de um império disperso, heterogéneo, composto por dependências de natureza diferentes, obedecendo a distintos modos de governo e de negociação. Foi também um império que se formou numa estreita colaboração entre a Coroa e a Igreja, sem esquecermos, obviamente, a participação de toda a sociedade portuguesa, dos povos indígenas, asiáticos e dos escravos oriundos de muitas partes do mundo. Se no Oriente, por exemplo, se estabelecem alianças com os reis locais, também ao mesmo tempo se fez guerra e se procede a conquistas, como foi Goa (1510) ou Malaca (1511). O Império

Impérios em Concorrência: Histórias Conectadas nos Séculos XVI e XVII. Tradução por Marta Amaral. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

⁷ Tecnicamente o Império colonial Português terminou em 2 de maio de 2002, data da atribuição de Timor-Leste, dado que, devido à ocupação da Indonésia (1975-1999), Portugal continuava a ter jurisdição sobre Timor-Leste.

Português no século XVI foi um império disperso, litorâneo, assente em feitorias e fortalezas, tratados, etc. A sua dispersão, a pouca população portuguesa-europeia e as dificuldades e perigos nas viagens por terra, dificultavam a entrada pelo interior dos continentes:

Mapa 1 - Geografia do Império Português. 2017.



Fonte: Disponível em: <<http://histgeo6.blogspot.com/2017/10/geografia-do-imperio-portugues.html>>. Acesso em: 14 mar. de 2020.

O Brasil aonde os portugueses chegaram em 1500, só a partir de 1534, atraiu a atenção da coroa lusa. Até aí, os interesses régios centraram-se no Oriente: comércio e missão, e a reconversão das cristandades que por lá se encontraram, os cristãos de São Tomé. Aqui, já havia uma sociedade organizada, uma economia estruturada, um comércio inter-regional importante que se ambicionava intercetar e dominar, anseio que nunca se conseguiu concretizar. Por tudo isto o continente americano — o Brasil — não chamou à atenção da Coroa portuguesa aquando da sua “descoberta”, em 1500. Só quando o império do Oriente entra em crise e o medo de que outros países europeus viessem ocupar este espaço, obriga D. João III a iniciar a colonização, a partir de 1534.

Aqui, existia uma sociedade culturalmente muito diferente de outras regiões onde Portugal já se tinha estabelecido ou por onde circulava. No Brasil impôs-se um modelo de governo, já ensaiado na Madeira, as capitania-donatárias, facto que representou um aprofundamento da política imperial portuguesa, com o objetivo do domínio das populações nativas, e, certamente, também houve espaço para a negociação: conquistador/conquistado. O “índio” também negociou, também foi peça fundamental na colonização — foi um sujeito histórico ativo. Num primeiro momento, a economia centra-se no pau-brasil, madeira que interessava às indústrias tintureiras europeias e em outros produtos que a terra produzia/oferecia; e de seguida procedeu-se à introdução da cana de açúcar, produto que através da produção nas ilhas da Madeira e de São Tomé e Príncipe, ambas espaços desabitados, à exceção de Bioko que tinha população bantu, já tinha projetado a economia portuguesa no mercado europeu.

Mapa 2 - Arquipélago da Madeira.



Mapa 3 - África.

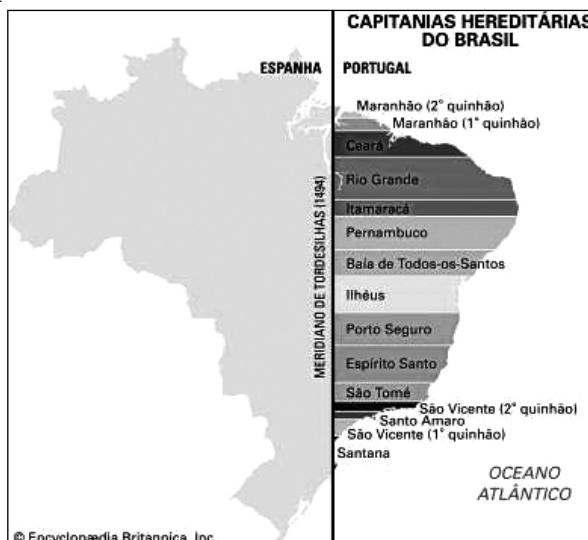


Fonte: Disponível em: <<https://sites.google.com/site/uptdescobrir/descoberta-das-ilhas-atlanticas>>. Acesso em: 14 mar. de 2020.

Fonte: Disponível em: <http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/pt_3.php>. Acesso em: 14 mar. de 2020.

Com o modelo de colonização usado no Brasil, a capitania-donatária, criou-se a Capitania da Bahia de Todos-os-Santos, doada a Francisco Pereira Coutinho, em 1534, onde estavam inseridas as terras de Sergipe d'El Rey. À morte de Francisco Pereira Coutinho, sucedeu seu filho Manuel que, por circunstâncias diversas, cedeu 50 léguas à Coroa. O modelo de capitania imposto no Brasil, terminou e deu lugar ao Governo-geral, em 1549. Nesse ano, a Coroa Portuguesa enviou Tomé de Sousa para ocupar o cargo de governador, que de imediato e como primeira ação promove a construção de Salvador, elevando-a, logo em 1549, a “capital do Brasil”, devido à sua localização geográfica, estatuto ocupado por 200 anos.

Mapa 4 - Capitanias Hereditárias no Brasil.

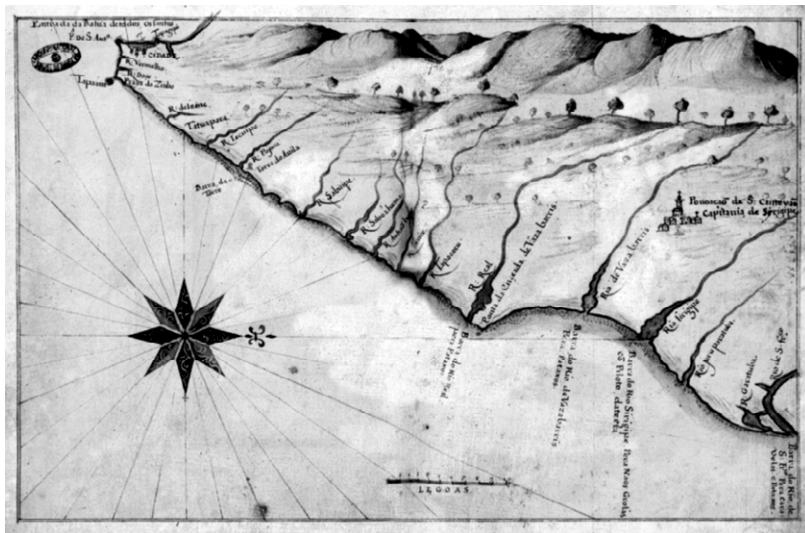


Fonte: Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/capitania/483156>>. Acesso em: 14 mar. de 2020.

Embora, Sergipe estivesse mais afastada do “grande litoral”, do grande porto de Salvador, tinha matas e rios, como era, por exemplo, a mata da Ibura e o Rio São Francisco, Vaza-Barriz e Real. Inicialmente, a região de Sergipe oferecia igualmente boas pastagens,

produtos da terra e mão-de-obra, fatores atrativos para qualquer colono. Assim, o esforço para o povoamento partiu não das autoridades da Coroa, mas essencialmente da Companhia de Jesus, de outros religiosos, de bandeirantes baianos na obtenção de índios e de fazendeiros de gado na procura de pastagens.

Mapa 5 - Da Bahia de Todos os Santos até o Rio de São Francisco.



Fonte: ALBERNAZ, João Teixeira. Descrição de Todo o Marítimo da Terra de Santa Cruz chamado vulgarmente o Brasil, de João Teixeira. [s.l.: s.n.], 1640. ANTT - Coleção Cartográfica, n.º 162. Fl. 106.

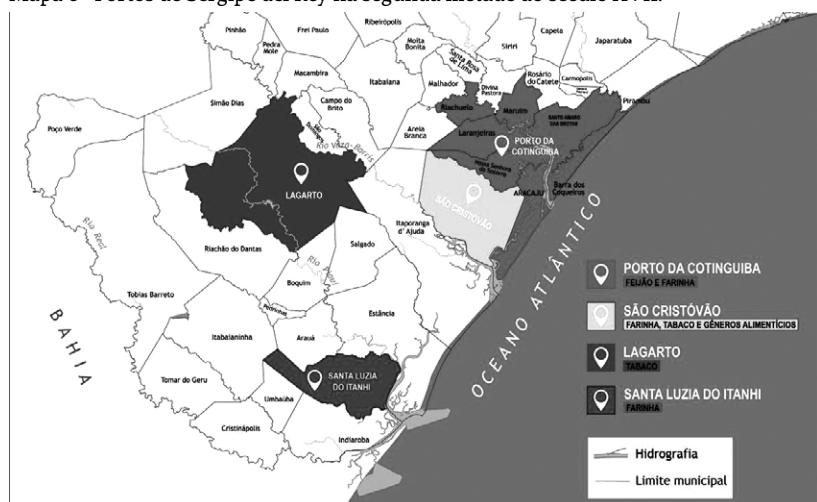
Logo, em 1575, a procura de riquezas e o ímpeto missionário levou os primeiros jesuítas à região de Sergipe, os padres Gaspar Lourenço e João Salônio, que fundaram as igrejas de São Tomé, Santo Inácio e de São Paulo⁸ (a Companhia de Jesus já havia chegado ao Brasil em 1549⁹). A Companhia de Jesus tornou-se um elemento essencial

8 Ver: LEITE, Serafim, *História Da Companhia de Jesus No Brasil*, Livraria Portugalia, 1938. SCHWARTZ, Stuart B., *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

9 Sobre o assunto ler: Cunha, Maria José, *Os jesuítas no Espírito Santo 1549- 1759, contactos, confrontos e encontros*, tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais, Especialidade: Cultura, Política e Sociedade, Universidade de Évora, 2015; MANSO, Maria de Deus,

na colonização por todo o Império Português. No Brasil, através da criação dos aldeamentos, controlavam a população indígena, teoricamente evitando a sua escravização e, pelo facto, tornaram-se numa oposição à chegada de outros poderes que por aqui se queriam instalar, como foi Garcia D'Ávila¹⁰. As desavenças surgidas entre os inacianos e os que procuravam conquistar terras para obter mão-de-obra e pasto para o gado, levou à saída da ordem dando início a uma guerra, a *Guerra Justa*, um mecanismo legal, usado pelos colonos para a obtenção de mão-de-obra, justificada pela necessidade da propagação da fé cristã aos povos bárbaros e, neste caso, os “índios” eram acusados de pegarem em armas contra os portugueses¹¹.

Mapa 6 - Portos de Sergipe del Rey na segunda metade do século XVII.

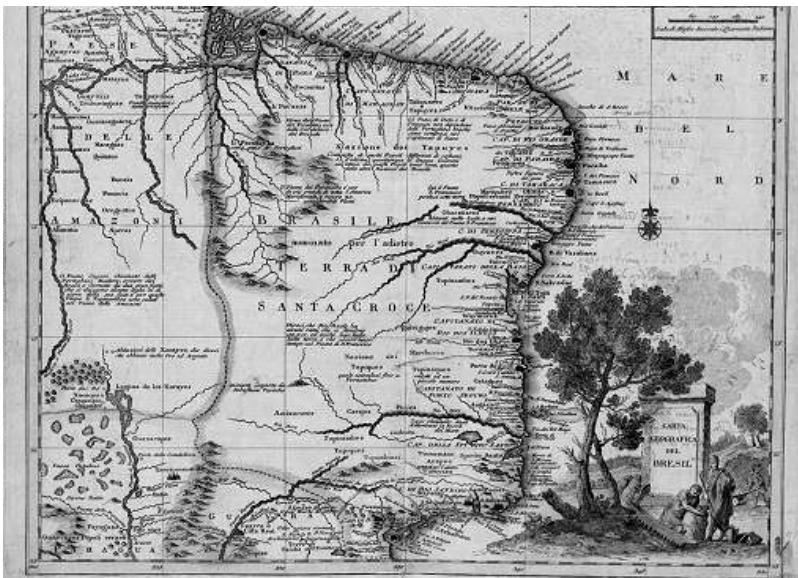


Fonte: Modificado a partir de ALMEIDA, Cândido Mendes de. Atlas do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1868 (APUD SIQUEIRA, 2016, 64)

História da Companhia de Jesus em Portugal, Lisboa, Parsifal, 2016.

- 10 Sobre o tema ler: SIQUEIRA, Luís, Homens de mando e de guerra: capitães mores em Sergipe del Rey (1648-1743), Doutoramento em História Social, Salvador, 2016; BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila. Da conquista dos sertões à independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- 11 DANTAS, Beatriz Góis. *Textos para a História de Sergipe* Editor, Universidade Federal de Sergipe, 1991, p. 10. PIRES, Maria Idalina da Cruz, Guerra dos Bárbaros. Resistência indígena e conflitos no nordeste colonial. Recife: Fundarp/Cepe, 1990.

Mapa 7 - ALBRIZZI, Giovanni Battista. Carta Geografica del Brésil. [ca.1740]. 1 mapa, 33 x 42,3 cm em f. 35,7 x 45,6.



Fonte: Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/1195/>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

III

O ano de **1580 foi um marco na política portuguesa** como diria o famigerado historiador português Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011), foi um ano de chegada e não de partida, como resposta a todos os que queriam ver o início da crise com a chegada dos Filipes, a União Ibérica, que duraria sessenta anos (GODINHO^{1978, 381}). Filipe II de Espanha torna-se rei de Portugal como Filipe I. Este acontecimento teve repercussões internas e também a nível ultramarino. A disputa europeia pela posse dos territórios ultramarinos lusos, era já anterior à chegada dos Filipes, mas agora a união ibérica fez com que alguns países europeus acentuassem os ataques, ou atacassem pela primeira vez, as possessões ultramarinas portuguesas.

A França, a Holanda e outros países europeus, desde sempre colocaram em causa o Tratado de Tordesilhas (1494). Por exemplo, os

franceses tentaram estabelecer alianças com os povos indígenas e ainda fundaram a chamada França Antártica, onde quiseram introduzir o protestantismo (1555-1560). Esta incursão falhou, mas no século XVII, na região nordeste, na cidade de São Luís (atual capital do Maranhão) fundaram, em 1612, a chamada França Equinocial (1612-1615; 1626; 1635; 1674). E outros episódios poderiam ser narrados.

A Holanda na sequência da luta política que travava com Espanha em prol da sua independência política, tentou atacar e permanecer ativa nas atividades comerciais no Brasil, principalmente controlar o comércio do açúcar. A ocupação holandesa nas capitaniias do Norte brasileiro centra-se em dois episódios: a conquista de Salvador (1624-1625) e a invasão de Pernambuco (1630-1654). Sergipe foi igualmente invadida pelos holandeses, tendo sofrido nos anos de 1637 a 1648 uma desestruturação económica, social e militar¹². Esta guerra só terminou com a expulsão em 1654, já depois da Restauração/fim da União Ibérica. Só nesta época, Sergipe se afirmara como “região estratégica e complementar do Brasil colonial contribuindo com o abastecimento, com o comércio interno das capitaniias limítrofes e com a defesa dos limites territoriais, dinamizando, assim, as relações econômicas”(SIQUEIRA, 2016, 44). A atenção sobre Sergipe acentuou, também, com o desejo de encontrar ouro, prata e pedras preciosas.

O ano de 1590 foi um marco para Sergipe. Em pleno domínio filipino, Sergipe constitui-se como capitania independente, com estatuto de natureza real ou da Coroa, sendo construída a povoação de São Cristóvão¹³. Assim, permaneceu como capitania independente até 1763, quando o Marquês de Pombal (1699-1782) transferiu a capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro¹⁴. A partir de 1763, Sergipe foi anexado à Capitania Geral da Bahia, perdendo o estatuto de ca-

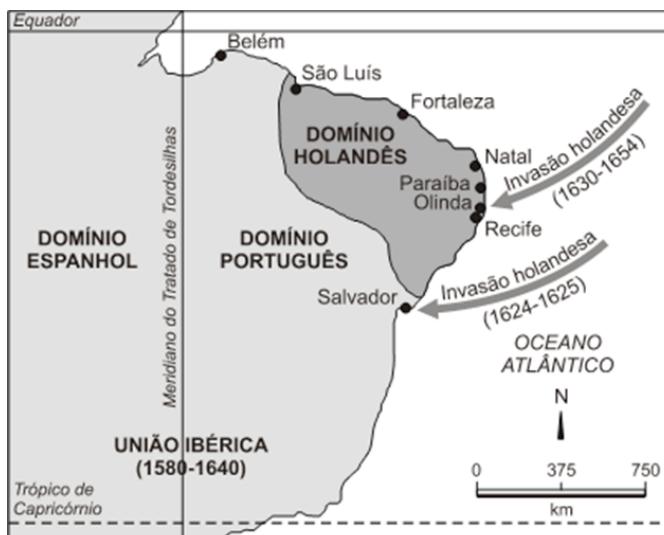
12 Ver: BOXER, Charles Ralph. Os Holandeses no Brasil, 1624-1654. Brasiliiana: São Paulo, 1961; BARLÉU, Gaspar, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, São Paulo, 1974. A União ibérica também trouxe espanhóis até Sergipe.

13 PRADO, Ivo do. *A capitania de Sergipe e suas ouvidorias:* <https://archive.org/details/capitaniadesergi00praduoft/page/n6/mode/2up>

14 SANTOS, Anderson Pereira dos, *Os Afortunados do Ultramar: Riqueza e Distinção na*

pitania real. Este reordenamento retirou igualmente poder à Bahia. No entanto as regiões mais afastadas de Salvador desenvolveram a produção da cana-de-açúcar, permitindo que ganhassem destaque no domínio das exportações. Assim, Sergipe, embora perdendo alguma autonomia, lucrava com o seu crescimento económico (JUNIOR, 2003, 170; SCHWARTZ, 1988, 344). A sua submissão à Bahia permaneceu até 8 de julho de 1820, data da independência de Sergipe, centenário que este ano se comemora¹⁵.

Mapa 8 - O Brasil Holandês.



Fonte: In: VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História para o Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2008. p. 188-189. (adaptado). Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/exercicios/ufsm/2013/questao/ufsm-2013-analise-o-mapa-e-o-texto-os-dominios/>>. Acesso em: 14 mar. de 2020.

-
- Cidade de Sergipe De El Rei (1750-1808), Tese Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017, p. 47, afirma que a colonização teve quatro fases diferentes, decorrentes de factos políticos e sociais: a primeira de 1590 a 1663 - povoamento inicial, a segunda de 1663 a 1698 - fase de repovoamento, a terceira de 1698 a 1753 - fase autóctone, e a quarta de 1753 a 1808 - fase alóctone.
- 15 ANTONIO, Edna Maria Matos. "A independência do solo que habitamos": poder, autonomiae cultura política na construção do Império brasileiro. Sergipe (1750-1831), Tese de (Doutorado em História, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas eSociais, Franca, UNESP, 2011.

Que importância representa Sergipe no seio do Brasil colonial e do Império Português?

No final do século XVI assistiu-se a um constante movimento português em direção ao norte, de Salvador/Bahia para São Cristóvão/Sergipe e norte de Pernambuco. Gradualmente vão surgindo vilas e estas não podem ser olhadas como meros centros locais ou regionais, mas espaços que fortaleciam a dinâmica colonial. Sergipe possuía grandes rebanhos, mão-de-obra, tabaco, entre outros produtos, para o abastecimento interno e externo do Brasil. Tinha igualmente dízimos e rendas importantes para o Erário Régio. Era um ponto estratégico que servia como fortaleza/forte que dificultava a invasão pelo norte em relação a Bahia, era um centro de vigilância, tanto para avistar inimigos como para impedir as fugas de prisioneiros e soldados, contrabando e outros desvios. Sergipe constituía identicamente um elo de ligação inter capitania e era um espaço ao alcance dos “soldados de fortuna”, militares experientes, mas sem qualidade de nascimento¹⁶. As suas riquezas serviam ainda um mercado global que se conectava através de Salvador com diferentes portos mundiais¹⁷. Do “sertão”, deste interior, provinham riquezas e, ao mesmo tempo, entravam produtos de originários de muitas partes do mundo. Esta importância comercial manteve-se após a anexação de Sergipe pela Bahia, em 1763.

Pelo acima exposto, e no âmbito de uma nova história que se quer afastar do estudo apenas dos designados “grandes centros”, como era Salvador ou o Rio de Janeiro, temos de entender Sergipe como um espaço central e importante na construção da globalização que

16 FARIAS, Sheyla, Nas teias da Fortuna: homens de negócio na Estânciia oitocentista (1820-1888). 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFCH/UFBA, Salvador; FLORY, Rae, *Bahian Society in the mid-colonial period: the sugar planters, tobacco growers,merchants and artisans of Salvador and the Recôncavo, 1680-1725*, Tese de doutorado, Austin: University of Texas, 1978. MASCARENHAS, Maria Jose Rapassi, *Fortunas coloniais: Elite e Riqueza em Salvador (1760-1808)*, Tese Doutorado em História Econômica, Faculdade Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

17 LAPA, José Roberto Amaral. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Hucitec, 2000. Ed. fac-Similada. Estudos Históricos, 42.

se afirmou nesta época histórica. Sergipe (e outros “sertões”) no período colonial produziu açúcar, courama, algodão, tabaco, ofereceu mão-de-obra indígena e traficou escravos¹⁸, tudo produtos de grande relevo nas economias-mundo e não apenas de valor local¹⁹. Por isso, os estudos que hoje vierem a ser feitos sobre Sergipe devem ter em atenção a sua importância num contexto global e não numa história local. Sergipe, e outras regiões menos litorâneas, foram igualmente espaços centrais na construção do que podemos designar por globalização, a primeira grande globalização da era moderna.²⁰

A par da dinâmica social e económica que ostentou e pelo palco social que oferecia alguns grupos da sociedade, criou condições para que, dois anos antes da independência do Brasil, a 8 de julho de 1820, o rei D. João VI, assinasse o decreto da emancipação de Sergipe face à Bahia, nomeando Carlos César Burlamáqui como o primeiro governador do Estado. Uma parte da elite local não aceitou Burla-

18 Cf. DANTAS, Beatriz Góis, “Missão Indígena do Geru”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, nº 29, pp. 65-87, 1983. SOUSA, Antônio Lindvaldo, “Um missionário do colégio Piratininga (SP) em missões na Bahia e Sergipe no final do século XVI”, *IV Congresso Internacional de História*, 2009. v. 01. p. 2977-2987. Para além da mão de obra indígena, havia negros: Joceneide Cunha dos Santos, negros(as) da Guiné e de Angola: nações africanas em Sergipe (1720-1835), Salvador, 2014. No caso de Sergipe e outras capitaniais do norte do Brasil o gado também ganhou relevância, André João Antonil chegado ao Brasil, em 1681; ANTONIL, André João, 1650-1721. Cultura e opulência do Brasil, por suas drogas e minas: com várias notícias curiosas do modo de fazer o assúcar, plantar e beneficiar o tabaco, tirar ouro das minas, e descobrir as da prata, e dos grandes emolumentos que esta conquista da America Meridional da' ao reino de Portugal com estes, e outros generos e contratos reaes. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Ca., 1837. p. 198. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/ id/222266>. Acesso em: 3. abr. 2018. Nota: O original foi “Impresso em Lisboa, na Officina Real Deslanderina com as licenças necessarias, no anno de 1711”.

19 Um outro dado a salientar é referente ao património material que ainda hoje se ostenta na paisagem, por vezes, mal preservado. Tal património mostra a importância económico-social que este território teve ao longo dos tempos, reforçando a sua importância face à Bahia e no âmbito do Brasil colonial.

20 Cf. RUSSEL-WOOD, “Centros e Periferias no Mundo Luso-Brasileiro, 1500-1808”, *Revista Brasileira de História*; Serge Gruzinski, “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories,” *Topoi*, Rio de Janeiro, 2001, pp. 175-195; GRUNZINSKI, Serge. A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 18. SUBRAHMANYAM, Saanjay, *Em Busca das Origens da História Global* <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/66005>

márqui, sobretudo a mais ligada à Bahia e, só em 1823, D. Pedro I reconheceu e reafirmou o decreto de 8 de julho de 1820. Que razões, mais próximas, pesaram para um sentimento de emancipação? Certamente são diversas: internas e externas. A capitania já havia sido autónoma até 1763, época em que foi anexada à Bahia e muitos dos seus moradores acalentam o desejo da emancipação face à Bahia e quiçá uma comunicação direta com a Coroa, mas esta por sua vez, também podia ver na emancipação um maior controle do território.

A ajuda na vitória que os sergipanos ofereceram à Corte Portuguesa na Revolução Pernambucana que eclodiu a 6 de março de 1817, igualmente conhecida como Revolução dos Padres, movimento de caráter liberal e republicano com ambições separatistas, tem sido apontada como a causa imediata para a assinatura do decreto da sua emancipação. Neste sentido, seríamos levados a pensar que os movimentos liberais e anti absolutistas não colhiam adeptos na sociedade sergipana. Mas todas as sociedades são heterogéneas e movem-se por interesses diversos e, pelo facto, não podemos afastar a conjectura de que aqui circulavam ideias liberais e anti absolutistas que contribuíram para acalentar um desejo independentista, ainda que neste caso, seja face à Bahia. Os ideais de emancipação de Sergipe têm de ser inseridos no contexto dos ideais que posteriormente levaram à independência do Brasil, em 1822, assim como, da vaga de independências que se já se viviam há algum tempo pelo continente americano.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Felisbelo Firmo de Oliveira. **História de Sergipe (1575 - 1885)**, Rio de Janeiro, 1891.

GODINHO, Vitorino Magalhães. “1580 e a Restauração”. In: **Ensaios**, II, 2^a ed., Lisboa, 1978.

JUNIOR, Fernando Afonso Ferreira. **Derrubando os mantos purpúreos e as negras sotainas (Sergipe del Rey na crise do antigo sistema colonial -1763-1823)**,

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, UNICAMP, 2003.

SANTOS, Anderson Pereira dos. **Os Afortunados do Ultramar**: Riqueza e Distinção na Cidade de Sergipe De El Rei (1750-1808), Tese Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos - Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial 1550-1835**. Trad., São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SIQUEIRA, Luís. **Homens de mando e de guerra**: capitães mores em Sergipe del Rey (1648-1743). Tese (doutorado em História Social) – Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2016.

SOUSA, Antonio Lindvaldo. Os Jesuitas na perspectiva da Historiografia sergipana; A Colonização de Sergipe: Histórias; O Mundo dos Jesuitas – parte 01; O Mundo dos Jesuitas – parte 02; A Carta de Tolosa como documento histórico: Reflexão 01; Carta de Toloza – parte 2; Parte de Tolosa – final. In: **Temas de História de Sergipe I**. São Cristóvão: CESAD/UFS, 2007, p. 89-180.

_____. Lourenço, um missionário jesuíta em missões na Bahia e Sergipe n final do século XVI. In: BEZERRA, Cícero Cunha. **Estudos sobre Religião**. Aracaju: Editora Criação, 2009, p.343-355.

_____. Núcleos de Povoamento e a expansão da cristandade na América Portuguesa no século XVI: O caso de Sergipe Del Rey. In: **O Pulso de Clio: Religiosidade, Cultura e Identidade**. Porto Alegre: Redes Editora, 2012, p. 15-30.

THOMAZ, Luis Filipe, “D. Manuel, a Índia e o Brasil”. **Revista de História**. 161 2009.

